

## A POESIA REGE BRASÍLIA

*Anderson Braga Horta*

### **Uma Rosa-dos-Rumos**

No fecho de “Altiplano”, longo poema escrito em fins de fevereiro de 1964 — às vésperas, pois, de um unsuspeitado corte de cena —, deixei consignada, maior do que a crítica do presente que vivíamos, uma grande fé na semente recém-plantada no coração do Planalto Central do Brasil. Assim me dirigia, então, à Cidade recém-nascida:

*Contraditória*

*rosa*

*explosiva.*

*De tuas impurezas,*

*de tuas asperezas,*

*rosa queremos-te*

*exata.*

*No altiplano de nossas esperanças,*

*rosa-dos-homens*

*construímos-te futura.*

Uma imagem náutico-poética simbolizando a força diretriz de nossa nova capital. Nisso não fiz mais do que acompanhar o curso de uma onda provocada por poetas maiores, como Guilherme e Vinícius.

Em verdade, se poesia é criação — e, creio poder estendê-lo, autodescobrimento, comunicação entre os homens —, Brasília nasceu sob o signo da poesia. Cidade construída com as mãos, o cérebro e o coração, surgida em momento de transição para o Brasil, e constituindo-se num marco entre duas eras, a partir de seus inícios é que, verdadeiramente, começamos a tomar consciência de nossas potencialidades, de nossa destinação, e a edificar — nós mesmos — esse destino. Com ela e, em boa parte, por ela mergulhou o País num período de

efervescência, com a abertura de novas estradas, o incremento do processo industrial, um começo de expansão e modernização das telecomunicações — tudo, ou quase tudo, girando em torno da emergente Cidade, que, fruto de um pensamento nacional já bastante amadurecido, era ao mesmo tempo um poderoso agente catalisador urgindo o progresso. Fomos submetidos, é verdade, a violentos recuos, em setores essenciais. Mas os recuos fazem parte do processo; não de ser, estão sendo transcendidos. Quanto ao destino que vislumbro para esta parte do mundo, é o de dar o exemplo, a contribuição decisiva no sentido da pacificação, da confraternização, da união, da unificação da humanidade. Frustrar-se esse destino significaria a nossa frustração como povo.

Representando uma revolução político-administrativa, envolvendo extraordinárias realizações nos planos do intelecto, da arte e do trabalho, o poema urbanístico-arquitetônico de Juscelino, Lúcio e Niemeyer colheu, em sua construção, o contributo de todos os setores da vida nacional, e chamou a atenção do mundo. E, sobre a acirrada oposição que provocou, sobre os contrapassos posteriores, teve esta significação inestimável para o brasileiro: foi-lhe índice e alimento de uma onda de otimismo e autoconfiança como jamais conhecera. Mas o sentido mais profundo de sua revolução progride, creio eu, numa seta que, disparada, ainda não atingiu o alvo: nova marcha para Oeste, voltar de olhos para dentro, Brasília propicia e reclama um mais íntimo estar com os povos irmãos da América Latina, a fim de construírem, juntos, a grande fraternidade do futuro, no lugar de uma colcha de retalhos.

Desejada, profetizada desde séculos, esta Cidade nascida de um pensamento social generoso e confiante só os muito ingênuos poderiam acreditá-la fruto de decisões do acaso e do improviso. E sinal de que desabrochou da maturidade dos tempos foi o otimismo, a alegria, a euforia que acompanhou o seu surgimento (insisto em que as contramarchas explica-as a dialética da História, e creio que o Homem não será eternamente um mero instrumento deste processo, mas ainda o há de dominar e dirigir).

Por tudo isso (não só por sua significação urbanística e arquitetônica) Brasília tem atraído os poetas. Lástima que bem poucos dentre eles tenham-se revelado atentos à sua força potencialmente germinativa de um futuro material e espiritualmente mais alto. Nesse sentido, a poesia de Brasília é maior que a de seus poetas.

Essa força atrativa, aliás, atua desde antes da fundação, a julgar do que diz Osvaldo Orico em *Confissões do Exílio* — JK (Rio, Francisco Alves, 2 ed., 1977, págs. 124-125), reproduzindo versos que incluía em *Dança de Pirilampos*, de 1923. Transcrevo-lhe o poema: *A Cidade do Planalto*.

*Oh! a Cidade que irá surgir  
bela, sobre o planalto, além dos horizontes.  
a que não foi preciso descobrir,  
a que o olhar diviso pela encosta dos montes.  
Cidade sem o lenço azul das caravelas,*

*cidade do porvir:  
 Longe do mar, cidade perto das estrelas...  
 Tu não terás o afago de ondas, a carícia  
 voluptuosa da espuma contra o cais;  
 nem um colar chorando luzes sobre as águas  
 numa circunferência, e ainda mais... ainda mais  
 a praia, a areia de ouro, a banhista, a delícia  
 da alameda que fica junto ao cais.  
 Mas eu te amo assim mesmo, em teu futuro,  
 amo o trabalho humano que há de levantar  
 sobre os teus montes, edifícios de ouro  
 e a igreja branca onde talvez eu vá rezar.  
 Amo a glória do teu futuro!  
 Mas quero muito mais a saudade que fica  
 desse arraial onde hoje dormem caravanas  
 de montanhas e de pobres cabanas  
 e tendas humildes e pequeninas.  
 Ficas longe do mar, mas ficas perto  
 do céu, de um claro céu que há de estar sempre aberto  
 às nossas mágoas e aos nossos cantos, ao vento.  
 Que o homem futuro possa ter um sentimento,  
 adorar as tuas paisagens belas,  
 e possa, pela coragem, merecê-las.  
 Cidade que fugiu das ondas e das praias  
 para ficar vizinha das estrelas.*

A cegueira para os aspectos transcendentais da construção da nova Capital brasileira não acometeu, é claro, Guilherme de Almeida, Vinicius de Moraes e Cassiano Ricardo, três dos seus primeiros e mais ilustres cantores. Guilherme chama-a “a Encruzilhada Tempo-Espaço”, na “Prece Natalícia a Brasília”, escrita para a inauguração; di-la “Caminho que vem do Passado e vai para o Futuro”; e mais:

*Feita do fluxo e refluxo das forças que dão o poder,  
 centrípeta para tornar-se centrífuga,  
 BRASÍLIA, é a tua Cruz da Quarta Dimensão, e Tetragrama  
 do Milagre Novíssimo que és tu;  
 a que dirá “Presente!”, impávida, ao chamado  
 do fasto e do nefasto; a que é o Marco Zero  
 das vias todas, da mais ínvia à mais viável;  
 o imã para a limalha de aço do Trabalho;  
 a ponta do compasso autor da Equidistância;  
 BRASÍLIA, a tua Cruz que é Presépio também  
 e a cujos pés a ti, no teu Natal, rogamos:  
 —Barca de esperança,  
 Carta de marear:  
 Rosa-dos-ventos,  
 .....  
 Portal do sertão,*

*Corda de arco,  
Farpa de flecha,*

....

*Bateia de garimpo,  
Diadema de esmeraldas,  
Crisol de raças,  
Ara de liberdade,*

....

— *Vive por nós!*

Cassiano Ricardo, em “Toada pra se Ir a Brasília”, diz:

*Vou-me embora pra Brasília,  
sol nascido em chão agreste.  
Como quem vai para uma ilha.  
A esperança mora a oeste.*

*Vou-me embora pra Brasília,  
por determinação celeste.*

Acho que essa nota mística ou profética prepondera nos poemas que à Cidade dedicaram Afonso Felix de Sousa, Waldemar Lopes, Octavio Mora, Yone Rodrigues, entre outros. Nota antitética é desferida pelo poeta Domingos Carvalho da Silva em duas quadras de “Um Violeiro em Brasília”:

*Foi num crepúsculo fosco  
e bobo de sol e pinga  
que — do alto de Taguatinga ·  
vi a Mênfis de Dom Bosco.*

*Daqui pra diante me enrosco  
em trevos, siglas e táxis  
que o santo de Castelnuovo  
previu, mas noutras paragens.*

Clave antes humanística aciona Vinicius no poema para a “Sinfonia da Alvorada” (música de Tom Jobim), registrando em fortes palavras a sementeira do Homem neste Planalto Central:

*Sim, era o Homem,  
Era finalmente, e definitivamente, o Homem.  
Viera para ficar. Tinha nos olhos  
A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões  
E os horizontes, desbravar e criar, fundar  
E erguer. Suas mãos  
Já não traziam outras armas*

*Que as do trabalho em paz. Sim,  
Era finalmente o Homem: o Fundador. Trazia no rosto  
A antiga determinação dos bandeirantes,  
Mas já não eram o ouro e o diamante o objeto  
De sua cobiça. ....  
Vinha de longe, através de muitas solidões  
Lenta, penosamente. Sofria ainda da penúria  
Dos caminhos, da dorlência dos desertos,  
Do cansaço das matas enredadas  
A se entredevorarem na luta subterrânea  
De suas raízes gigantescas e no abraço uníssonos  
De seus ramos. Mas agora  
Viera para ficar. Seus pés plantaram-se  
Na terra vermelha do altiplano. Seu olhar  
Descortinou as grandes extensões sem mágoa  
No círculo infinito do horizonte. Seu peito  
Encheu-se do ar puro do cerrado. Sim, ele plantaria  
No deserto uma cidade muito branca e muito pura...*

Social é o tom dominante em José Godoy Garcia:

*A terra viu o crime.  
Foi no acampamento da  
"Pacheco Fernandes".  
Os operários encurralados,  
reclamavam direitos.  
Eram dez horas no planalto.  
Foram metralhados.*

Social é a nota desferida por Luiz Paiva de Castro na "Ode ao Candango", que tem por epígrafe a pergunta de Niemeyer, dois anos após a inauguração: "Que fizeram de nossos irmãos operários, .... que foram, na realidade, os construtores da Capital?"

Social, ainda, é a palavra de Stela Maris:

*Vindos do Brasil inteiro  
inteiros não somos mais:  
a cidade estraçalha  
nossos corpos famintos  
a cidade espicaça  
nossos sonhos famintos.*

Prevalece o lírico (a extensa gama do que podemos rotular de "lírico"... ) em Alphonsus de Guimaraens Filho, Cassiano Nunes, H. Dobal, Henriqueta Lisboa, Joanyr de Oliveira, José Hélder de Souza, Moacyr Félix. O elegíaco desponta em Fernando Mendes Vianna:

*Apesar dessas belas maquetes quase marcianas,  
dos coloridos postais que despachamos,  
o teu rosto de bugre era mais belo,  
ó índia morta, de carne dura, brônzea, solitária!*

Aspectos arquitetônicos são o tema do poemário “brasiliense” de João Cabral de Melo Neto, bem como do poema “Brasília, DF”, de Homero Homem.

Finalmente, lembro as lentes de humor com que observa a cidade nova Nicolas Behr, de cujo “Grande Circular” (*Restos Mortais*, Brasília, 1980) extraio este sugestivo dístico:

*SQS ou SOS?  
eis a questão!*

Brasília, por tudo o que implica, mas principalmente pelo seu alto significado humanístico-espiritualista, é um empreendimento entranhadamente poético, e é natural que nesta fonte venham beber poetas de vária formação e vária filosofia, do que apenas tenho dado, aqui, breve amostragem. O panorama pode ser ampliado com a leitura de dois trabalhos aonde fui buscar quase todos os versos transcritos: *Brasília na Poesia Brasileira*, antologia organizada por Joanyr de Oliveira (Rio de Janeiro, Cátedra, 1982), e *A Literatura de Brasília* (em *O Áspero Ofício*, V — Rio, Cátedra, 1983), de Almeida Fischer.

Falei em contrapassos. Ainda não conseguimos transcender o segundo e negro momento de nossa coletiva ascensão, a partir de Brasília. Mas o fluxo não se estanca. E, nência de idades de poesia plena, com as próprias asas translúcidas (parafraseio o belíssimo “Hino a Brasília” de José Santiago Naud) a Cidade, mariposa dourada, levanta dentre as sombras — e ilumina o tempo.

## **Registro provisório**

Em 1962, poetas que haviam afluído à nova Capital são reunidos por Joanyr de Oliveira no livro *Poetas de Brasília*, lançado pela Editora Dom Bosco, de Francisco Scartezini Filho. Figuravam nele, além do organizador e deste depoente: Afonso Félix de Sousa, Alphonsus de Guimaraens Filho, Êzio Pires, Gaudêncio de Carvalho, Geraldo Costa Alves, Guido Mondin, José Santiago Naud, Jair Gramacho, Levy Rocha, Lina del Peloso, Mário Limeira Alves, Miguy Noronha, Pedro Luiz Masi, Seleneh Medeiros e Wilson S. Nunes. Numa reorganização dessa obra, publicada em 1971 pela Coordenada — Editora de Brasília Ltda., sob o título *Antologia dos Poetas de Brasília*, saíram alguns e incluíram-se novos nomes: Abgar Renault, Afonso Henriques Neto, Anderson de Araújo Horta, Antonio Carlos Scartezini, Ariel Marques, Cassiano Nunes, Clemente Luz, Eudoro Augusto, Fernando Mendes Vianna, Hermenegildo Bastos, Izidoro Soler Guelman, Jesus Barros Boquady, João Viana de Oliveira, José Godoy Garcia, José Hélder de Souza, Julio Cezar, Lenine Fiúza, Luiz

Fernando Nazareth, Maria Braga Horta, Maria Ramos, Oswaldino Marques, Vera Americano, Yone Rodrigues. Em 1982, pela Editora Cátedra, apoiada pelo Instituto Nacional do Livro, ainda Joanyr de Oliveira reconvoça em *Brasília na Poesia Brasileira* alguns desses poetas, a par de outros não necessariamente residentes na Cidade, mas autores de poemas em torno dela: Affonso Romano de Sant'Anna, Aricy Curvello, Cassiano Ricardo, Domingos Carvalho da Silva, Fernando Braga, Fernando Correia Dias, Geraldo Pinto Rodrigues, Gilberto Mendonça Teles, Henriqueta Lisboa, Homero Homem, João Cabral de Melo Neto, José Maria Pereira, Luiz Paiva de Castro, Lupe Cotrim Garaude, Moacyr Félix, Octavio Mora, Stela Maris, Vinicius de Moraes, Waldemar Lopes, Yolanda Jordão. Outras antologias têm surgido, como *Em Canto Cerrado*, organizada por Salomão Sousa para a Coordenada (1979), *Nem Madeira nem Ferro Podem Fazer Cativo Quem na Aventura Vive*, organizada por Santiago Naud (Thesaurus, 1986), *Planalto em Poesia*, organizada por Napoleão Valadares em nome da ANE (Thesaurus, 1987), a trilingüe *Caminhos de Integração/Caminos de Integración/Paths of Integration*, organizada por Sofia Vivo (Thesaurus, 1993), e *Caliandra: Poesia em Brasília* (André Quicé, 1995), com novos poetas: Alexandre Rocha, Anito José Steinbach, Baltasar Gonçalves, Guilherme Alves, Heitor Humberto de Andrade, J. Edson, Jodelmira Barbosa, José Roberto de Almeida Pinto, José Soares, Manoel César Neto, Maria Coeli, Maria Madalena Prado Paranhos, Mário Edson Andrade, Miter Fonseca, Nelson Carvalho, Paulo Roberto de A. Brandão, Ronaldo Alexandre, Tito Iglesias, Victor Alegria (o editor), Wilson Pereira, Wil Prado; Alan Viggiano, Alvina Gameiro, Ângelo D'Ávila, Cyl Gallindo, Emanuel Medeiros Vieira, Flávio R. Kothe e João Ferreira, mais conhecidos como prosadores; António Campos, Antonio Carlos Osorio, Antônio Girão Barroso, Antonio Roberval Miketen, Berecil Garay, Celso Moliterno, Danilo Lôbo, H. Dobal, Henriques do Cerro Azul, Hugo Mund Júnior, José Geraldo, Márcio Catunda, Mauro Castro, Olympiades Guimarães Corrêa, Romeu Jobim, Viriato Gaspar; Aglaia Souza, Antonio Miranda, Ciro José Tavares, Esmerino Magalhães Júnior, Expedito Quintas, João Carlos Taveira, José Jeronimo Rivera, Regina Fittipaldi, Ronaldo Mousinho, Ronaldo Cagiano, Teresy Godoi, Valdir de Aquino Ximenes, Ydê Afonso.

Acrescentem-se as coletâneas *Capital Poems*, com poemas em português, inglês e espanhol (Thesaurus, 1989), e, embora não limitada a Brasília, nem pela temática nem pela arregimentação dos autores, *Alma Gentil: Novos Sonetos de Amor*, organizada por Nilto Maciel (Códice, 1994). Ao estudo da poesia em Brasília interessa, também, *Poesia Jovem — Anos 70*, de responsabilidade de Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira (Abril Educação, São Paulo, 1983). Dessas e de outras obras coletivas — *Águas Emendadas* (Thesaurus, 1977), *20 Porretas (s/e, s/d)*, *Mutirão* (Brasília, 1985), *Diamante para Amantes* (Thesaurus, 1988), *Grito, Logo Existo* (Revista Literatura, 1992) — retiro os nomes de Guido Heleno, Luiz Manzollillo, Luís Martins da Silva, Luiz Martins, Sérgio Muylaert, Vera Pedrosa, Xênia Antunes, Ana Lagoa, Carlos Marchi, Carlos Saldanha, Carlos Setti, Chico Dias, Fausto Alvim Júnior, Fernando Bueno Guimarães, Flávio Roseiro, Ijalmar Nogueira, João Zicardi Navajas, Luiz Roberto Nascimento Silva, Nicolas Behr, Biancho, Camilo, Cesar Athayde, Climério Ferreira, Geraldo Moraes, Gerti Egler,

Machadinho, Marcos Ottoni, Mancasz, Paulo Tovar, Tito, Teca, Tita, Gilvan Teixeira, Marcos Humberto Scotti, Ricardo F. Barreto, Elmano Maria, Riase Rissan, Nara N. Silva, Hélio Soares Pereira, Hilda Mendonça, Jorge Amâncio, Sônia Carolina.

O levantamento não é, nem se pretendia, exaustivo. Sei que omite alguns títulos, como, para exemplificar, os de publicações dos Sindicatos dos Professores e dos Escritores. Acrescento-lhe, entretanto, menção à mais recente, *Brasília: Vida em Poesia*, preparada por Ronaldo Alves Mousinho (Valci Gráfica e Editora, 1996).

Não posso esgotar o rol dos poetas de Brasília (Joanyr de Oliveira, em coletânea a publicar, lista mais de oitocentos nomes), mas ainda alguns devem ser lembrados. Assim os aqui trazidos pela política, como Álvaro Pacheco, Aureo Mello, J. G. de Araújo Jorge, Joaquim Haickel, José Sarney, Menotti Del Picchia, Plínio Salgado; os estrangeiros que vieram doar algumas notas de seu canto ao cerrado, como Manini Ríos (uruguaio), Rubén Vela (argentino), Rumen Stoyanov (búlgaro), Trina Quiñones (venezuelana), ou aqui se estabeleceram, como Kori Bolívia (boliviana) e Sofía Vivo (uruguaia); Geir Campos, autor da letra do “Hino a Brasília”, musicada por Neusa França; Alberto da Costa e Silva, Francisco Alvim, Marly de Oliveira, o saudoso Omar Brasil; dentre os mais jovens, Amargedom, e, dos ainda inéditos em livro, Clovis Sena.

Além daqueles “veículos coletivos”, os poetas — como os prosadores — de Brasília contaram com os suplementos literários dos jornais *Crítica* e *Diário do Brasil* (dirigidos por Sousa Neto e Almeida Fischer), *Correio Braziliense* (Hugo Auler e José Hélder de Souza) e *Diário de Brasília* (o suplemento *Enfoque*, de Almeida Fischer, que durou de 1972 a 1976), o da revista *Destaque*, a cargo de Walter Belo Galvão, mais o suplemento *Letras* (do *BsB Brasil*, depois *BsB Diário*), criado por Almeida Fischer e dirigido, após a sua morte, pelo poeta João Carlos Taveira. Todos extintos, infelizmente.

Vive, porém, desde 1976, a *Revista de Poesia e Crítica*, de âmbito nacional, devida a Domingos Carvalho da Silva; consolida-se a *Revista da Academia Brasiliense de Letras*; edita-se a da Academia de Letras de Brasília; regulariza-se o *Boletim da Associação Nacional de Escritores*; surge o mensário *DF Letras*, da Câmara Legislativa; e a revista *Cerrados*, do Curso de Pós-Graduação em Literatura (com Carlos Alberto dos Santos Abel, Flávio René Kothe, Henryk Siewierski, Ronaldes de Melo e Souza, simultânea ou sucessivamente) promove a desejada integração da UnB com a Cidade.

Registro, ainda, o boletim mimeografado *Circular*, minipublicação em que acompanhei Êzio Pires e José Edson Gomes, e de que saíram três números; as revistas *Mbaecuaba*, de D’Almeida Vitor, e *Bric-à-Brac*, de Luís Turiba. Davam páginas à literatura *Sua Revista* (de Rezende Filho), *Miragem*, *Cultura* (MEC), *Brasília* (GDF), o jornal *O Comércio*, o *Jornal de Brasília* e o *Caderno Cultural do Diário Oficial* da União. Foram lançados em 1994, e esperamos que voltem, *Cultura Jornal* (do MINC), *Cultura DF* (do GDF) e *Memorial JK*. Circulam, finalmente, as revistas *Poietiké*, de Diniz Félix dos Santos; *Lavra*, de Murilo Moreira Veras (que, todavia, se mudou para o Rio de Janeiro); *Literatura*, de Nilto Maciel, Emanuel Medeiros Vieira e João Carlos Taveira; o folheto *Alô*, produzido por Itabajara Catta



Preta; uma *Folha da ANE*, tirada em computador, desde janeiro de 1991, por J. M. Leitão, além de publicações de entidades associativas ou educacionais.

No dia 21 de abril de 1963, por iniciativa de Almeida Fischer, na sede da Livraria e Editora Dom Bosco (SCRS 108), foi fundada a ANE — Associação Nacional de Escritores, órgão seminal das principais sociedades literárias brasilienses, pois que de seu seio surgiram a Academia Brasiliense de Letras, a Associação Profissional, depois Sindicato dos Escritores no Distrito Federal, e o Clube de Poesia de Brasília. Foi este projetado em casa do poeta Waldemar Lopes, por instigação de Domingos Carvalho da Silva, em reunião de que participaram o depoente e o poeta paulista, em visita a nossa Cidade, Geraldo Pinto Rodrigues. O documento de fundação foi firmado na residência de seu idealizador, em 21 de junho de 1973, por Diana Bernardes, Waldemar Freire Lopes, Domingos Carvalho da Silva, Manuel Frederico (Fritz) Teixeira de Salles, Cassiano Nunes Botica e ABH, nessa ordem. Sucedeu-o, em 1978, o atual Clube de Poesia e Crítica. Compõem seu quadro, além dos mencionados (lembro que já não é entre nós Fritz Teixeira de Salles), os escritores Aglaêda Facó Ventura, Alan Viggiano, Antônio Campos, Antonio Carlos Osorio, Cláudio Murilo, Elson Farias, Esmerino Magalhães Júnior, Heitor Martins, Iulo Brandão, José Geraldo Pires de Mello, Lina del Peloso, Lourdes Fonseca Ricardo (recentemente falecida), Luís Otávio Sousa-Carmo, Luiz Piva (também falecido), Maria Christina Diniz Leal e Ronaldo de Melo e Souza. José Augusto Guerra deixou-nos, tragicamente, pouco depois de sua admissão. Das atividades do Clube, nas duas fases, recordo a edição das obras poéticas *Os Pássaros da Noite*, de Waldemar Lopes (1974); *Biografia do Edifício*, de Yolanda Jordão (1975); *Marvário*, deste depoente (1976); *Palavra Natural*, de Elson Farias (1980); *Sonetos de Portugal*, de Waldemar Lopes (1984); e dos ensaios literários *A Presença do Condor*, de Domingos Carvalho da Silva (1974); *José Régio — o Ser Conflituoso e Do Antigo e do Moderno na Épica Camonianiana*, de Luiz Piva (1975 e 1978); *Ficção & Verdade*, de Ronaldo de Melo e Souza (1978); e *Papoula de Cinza*, de Lourdes Fonseca Ricardo (1985).

## O Futuro

No decênio que findou com a inauguração da Cidade, a literatura brasileira fora agitada pela Poesia Concreta. A agitação continuaria, progressivamente atenuada, com a Poesia Práxis e, mais recentemente, o Poema-Processo. Brasília recolheu os ecos dessas espécies de seitas poéticas, mas aqui não vingou nenhum grupo. Não cabe agora indagar por quê; cabe augurar que a não predominância de um sistema beneficiará os que virão, com deixar-lhes a voz livre para o canto do reinício dos tempos.

Outras entidades literárias têm surgido. Dentro e fora delas, poetas de vária procedência, poetas da chamada Geração Mimeógrafo, poetas ditos marginais, poetas novíssimos estão produzindo — ensaiando, aprendendo. É cedo para dizer aonde os levará o seu vôo. Nem todos chegarão ao futuro, mas todos se empenham na

batalha do presente, e isto importa. Importa, sobretudo, que, de um modo ou de outro, vão todos lançando neste cadinho sua inumerável contribuição para o pleno florir desta *rosa-dos-homens*.

Brasília, 1996.

---

ANDERSON BRAGA HORTA é advogado e Diretor Legislativo da Câmara dos Deputados.